

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

CEDI - P. I. B.
DATA 02/09/87
COD. URD 11

INFORMAÇÕES SOBRE O GRUPO INDÍGENA

NUM. R. 3148/82
LA. 102
MUNICIPA. *[assinatura]*

GRUPO INDÍGENA URUBU-KAAPOR

HISTÓRICO

Os índios Urubus falam dialeto Tupí do Grupo **hê**, ou seja, dos que assim pronunciam a primeira pessoa prenominal. Segundo Curt Nimuendujú, este grupo compreende, além dos Urubus, os Tenetehara, os Amanayê, os Turiwara, os Anambê e o Oyampí. Todas estas tribos, com exceção desta última, que se deslocou do Xingu para o Oiapoque, têm seus territórios entre os vales do Tocantins e Pindaré, onde formavam um bloco de povos Tupi. Destas várias tribos, os Turiwara são os que mais se aproximam linguisticamente dos Urubus. Nimuendujú sugere mesmo a possibilidade de que "constituam divisões locais de um único povo" (1)

Os urubus chamam-se, a si mesmos, **Caapor**, isto é, habitantes da floresta. Quando se referem a outros índios dividem-os em duas categorias: **Caapor-tê**, isto é, verdadeiros habitantes das selvas ou selvagens e **Caapor-ran**, pseudo selvagem. (2)

Vivem na orla oriental da floresta amazônica, que se projeta para o Estado do Maranhão entre os Rios Gurupí, a Oeste; Turiaçu a Este; o igarapé Jararaca ao Sul e o Gurupiúna e o Paranã, respectivamente, afluentes do Gurupí e do Turiaçu ao Norte. Dentro deste vasto território estão distribuídos em vinte e cinco grupos locais, localizados invariavelmente junto de pequenos cursos d'água que, nascendo na serra do Tiracambu, correm para aqueles rios.

A história recordada destes índios indica que eles começaram a transpor o Gurupí para o seu território atual, acusados por extratores de produtos florestais, na segunda metade do século passado.

Dados confirmados por referências bibliográficas, descrevem-os vivendo no lado maranhense.

As lutas entre os índios e habitantes da região chegaram até 1928, quando foram pacificados pelo S.P.I.

PROT. N.º 3148/82
FL. 03 - 2 -
M. S. P. C. A. [assinatura]

Os urubus contam, hoje com anos de convívio pacífico com os civilizados, que já lhes custaram mais de metade da população, vitimada por doenças. Mas excetuando-se aos efeitos dissociativos da população e certos sintomas de traumatização de alguns aspectos da cultura, eles conservam, no essencial, o sistema adaptativo tribal, ou seja, as técnicas e o saber tradicional através dos quais se relacionam com a natureza para tirar dela os artigos que necessitam. (1)

ASPECTOS SÓCIO-ECONÔMICOS E RELIGIOSOS

O território tribal é coberto pela floresta típica das terras firmes da Amazônia. A maioria dos frutos, de importância alimentar para o grupo, amadurecem de janeiro a abril. Árvores cobertas de frutos como o cajú, bacuri, maçaranduba, piquiã, cacau, genipapo, cutiti e outros encontram-se na estação.

A pesca, tem período de maior produtividade de setembro a abril. As pescarias coletivas com timbó - que rende quantidades consideráveis de peixes de todas as variedades - são desenvolvidas nessa época, o produto se mantém por uma ou duas semanas no moque sempre acesso para conserva-lo. O ciclo da pesca se renova de acordo com o caudal da água dos igarapês e das espécies que vão aparecendo.

A caça também obedece a um ciclo estacional, pronunciado quanto à sua produtividade. As aguadas permanentes na época da vazante são os locais da caça fácil.

Na época das chuvas, e quando as árvores frutíferas preferidas pela caça amadurecem começa o período de espera nas frutíferas. Os animais que ali se aproximam em busca de alimentos são pegos pelos caçadores em pessoa. Raramente usam armadilha, o cachorro, as vezes, acompanha o caçador.

A lavoura constitui a única reserva de alimentos disponíveis a qualquer tempo. Cultivam vinte e oito plantas diferentes destinadas, em maioria a alimentação.

A cultura dos Índios Urubus é, em grande parte, uma adaptação especializada à vida na mata. A própria autodesignação

tribal - Kaapor (moradores da mata, silvícolas) talvez denuncie mais sua identificação com a floresta que o sentido de uma oposição à gente que vive à margem dos rios ou cerrados. O certo é que a mata se inscreve em sua mitologia como um dos temas mais constantes e mais elaborados. Um dos efeitos mais relevantes atribuídos a seu herói-civilizados foi a criação da floresta. De certas árvores foram feitos os homens das várias nações e suas diferentes características são explicadas pelas diferenças de qualidade das madeiras de que provieram: os brancos e eles próprios de madeiras fortes, seus inimigos, de madeira frouxa. Uma árvore transmutada em mulher foi a mãe do segundo personagem mitológico em importância, exatamente aquele que vincula o criador a seu povo, os Kaapor, por um interesse mais vivo pelo seu destino. É, ainda, pelas árvores que o criador fala à sua criação na alegoria que explica a perda da imortalidade.

A mesma elaboração mental foi realizada em relação a fauna.

Esta representação mental do ambiente, que, além do revestimento florístico e da fauna, compreende as várias classes de terras e pedras que têm importância em sua vida, é a ciência e o saber tradicional dos índios Urubus que os guia na luta diária pela sobrevivência. (1)

Brasília, de outubro de 1982.

OLGA NOVION
Antropóloga-DID

PROJ. N.º 3148/82

PL. 05

REVISÃO

Bibliografia:

- (1) Ribeiro, Darcy : Os índios Urubus. Ciclo anual das atividades de subsistência de uma tribo da floresta tropical. in Leituras de Etnologia Brasileira. Companhia Editora Nacional - São Paulo 1976.
- (2) HUXLEY, Francis : Selvagens Amáveis. Companhia Editora Nacional - São Paulo - 1963.